

Contos

Agostinho Both

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 24/05/2019

Título : A velha da morte

Categoria: Contos

Florence, cansada, resolveu afastar o desânimo avassalador. Um velho livro, esquecido na estante, trouxe-lhe um auxílio inesperado. A obra de Walter van Tilburg Clark, Os deuses vigilantes, instigou-a a afastar o mal-estar dos últimos quinze anos, com o fiel mas indiferente marido. Causou-lhe impacto a sensibilidade do personagem central do livro, Buk, um garoto de 12 anos. Recebera um rifle de aniversário do pai. A arma representava a iniciação à vida adulta. O apelo incisivo dos costumes o levou a caçar. Com ares de matador, lá se foi. Pouco andou junto às falésias, quando viu um coelho distraído, mastigando folhas junto a um campo de capim pálido. Ainda que sem entusiasmo, deu fim ao coelhinho. A realidade de grande caçador, porém, ficou-se, dando lugar aos apelos da compaixão.

Florence, por identificar-se com o caçador, também trazia um morto-vivo. Percebia-se como o próprio Buk. Desejou ardentemente que o coelho estivesse vivo em seu braço, aninhando-o ali como a um gatinho. Pensou, várias vezes, em uma miraculosa ressurreição do coelho. Arrumou com ternura e cuidado as orelhas do coelho, de modo a ficarem estendidas sobre as costas.

Terminada a leitura do capítulo, Florence percebeu o quanto a história de Clark se aproximava ao que vinha acontecendo na sua relação com Hermeto. Apenas,

ao contrário da imobilidade do coelho, ele, vez e outra, fazia alguns movimentos de ternura. Muito mais acontecia em razão de esforços que de uma expressão espontânea. Muito pior que o tiro de Clark, havia sido o desinteresse nos últimos quinze anos. Para Buck, a ravina e as falésias perdiam suas configurações; nela, a palavra e os gestos se perdiam. E quando se revelavam, estavam toscos. Não poucas vezes rezou pra São Francisco, que levava jeito em lidar com animais e até pregara aos peixes com relativo sucesso, por que não poderia impressionar seu marido, para que lhe pusesse o prazer de outrora em sua passividade de águas turvas? Mas, de pouco adiantou.

Florence, então, empobrecida por falta de apoio celestial, começou a rever os passos que, possivelmente, teriam deixado Hermeto semelhante a uma pedra ou qualquer animal sem expressão. Um insinuante cansaço não fomentava, em nada, a alegria do velho senhor, mesmo com todos os filhos e netos reunidos. Ao perguntarem sobre o que se passava, ao ter uma nuvem a toldar-lhe os olhos, ele repetia: coisas da velhice! A indiferença dele constrangia o coração da velha senhora

Buscou, assim, rever por onde tudo começara. Quarenta anos inteiros, desabafava, arrumava-se impecavelmente para o trabalho. Liderou muitos momentos importantes da empresa. Ela não sabia se a preocupação pela vida residia na empresa ou se em sua casa. Depois: quinze anos de inépcia. Ou, como Florence no início falava: retiraram dele a capacidade de pensar. Andava como um imbecil de um lado pra o outro até que foi se aquietando com as leituras de jornal e uns papos sem destino com velhos amigos. Murchas as orelhas de seu velho coelho, cego pra qualquer iniciativa, alma sem comunhão. Florence não sossegava enquanto não punha a limpo toda a morte. Que virasse uma loba a uivar pelos desertos dele, mas, assim não morreria seu antigo bem. Ela percorreu como uma camponesa todas as terras, vendo os sulcos feitos pelas águas de setembro e a aridez do solo. Viu as mazelas que podem tornar um homem sem disposição. Pena meu homem ter somente no trabalho o grande poder. Era isso que haviam retirado de Hermeto. Viu bem de perto, de maneira contundente, o quanto a alma masculina de Hermeto era pobre. Sobrara do espírito um fiapo de talentos, resultando num caco de gente. A arte e o serviço solidário nunca passaram por perto. Estava um capim depois do inverno e, agora, esturricando num sol branco e sem dó. Florence pensava, assemelhando o marido ao coelho de Clark. Mortinho, com sinais evidentes de que não vivia mais. Caminhava trôpego, o brilho desaparecera dos olhos. Pensou muito no que poderia fazer pra afastar a angústia que a deixava louca. Veio-lhe a ideia de convocar Hermeto a passar uns tempos na velha casa à beira do alagado. Convidou-o, mas não o convenceu a realizar tão grande aventura. Como o ambiente andava pesado, ela não conseguindo livrar-se do peso, resolveu ir sozinha. Deixou alguns pratos feitos. Avisou a filha da decisão. Que olhasse o pai por ela.

Tomou do seu inarredável fusca e, resoluto, dirigiu até o alagado. Fazia meio ano da última vez que passara ali alguns dias. Causara-lhe má impressão as ervas daninhas que cresceram por todos os lados. Uma vidraça quebrada e a banda de uma janela caída permitiram que alguns animais de pouca estimação ocupassem o lugar.

É preciso pouco para virar tapera, igual ao meu marido, resmungou. Uma cobra, duas pombas e dois gambás se instalaram, sem vergonha, na casa. Houve

reclamação dos gambás que chiaram ao serem forçados a sair. Admirou-se, sobretudo, quando estes se dirigiram, meio tontos, por entre arbustos. A passarada fazia algazarra, chamando todos os voadores. O protesto foi geral. O espírito do grande medo pairava em todo o lugar. Somente o gavião, com seus olhos agudos e amarelos, olhava quieto os pobres animais que se debatiam para encontrar refúgio. Florence teve uma ideia instigante diante do barulho. O medo de morrer pode ser o meio eficaz pra despertar a vida. Quem sabe se Hermeto, tomando um susto como o das aves, não resolveria se avivar?

O primeiro dia foi de faxina, limpando penas e, o pior, a sujeira noturna das pombas. Basta um descuido e já o mal-estar toma conta de tudo. Descansou ao meio dia. Recobradas as forças, não podendo ver a horta e o pátio naquele estado, resolveu deixar as poucas flores e as gramas livres da opressão. O cansaço precipitou-se sobre ela, bem diferente de outras temporadas. Entrou na sala limpa. Lá estavam as velhas e as mais recentes fotos. A memória turbinou-se toda. Vinham, nítidos, cada um dos dias em que foram tiradas. Murmurava: a vida se apaga. Foi acender as luzes, mas cadê luz. Bem que trouxera uma lâmpada a pilhas. Imediatamente discou do celular pra filha a que religassem a luz que havia sido cortada. Como neste país mais vale uma amizade do que um direito, a filha respondeu que tinha um amigo responsável pelo serviço. Ainda amanhã a senhora terá a luz de volta, mãe. Os medos se entregaram ao cansaço, vindo-lhe sonhos. Hermeto, que caminhava sobre o alagado, fez parte das imagens. Falava aos peixes de maneira suave e cordata: não vos incomodeis comigo. Vós sofreis em anzóis e redes, como os homens em seus anzóis e redes. Espíritos tristes repousavam sobre o pinheiro que secava nos fundos do terreno. Forçou o olhar. Descobriu que dormitavam fontes, lagos, almas perdidas e cançadas sem fim. Mas, de tudo que foi visto, penetrou-a Hermeto, que, agora, em roupas pobres, descansava entre as poucas flores do jardim. Florence falou sem interrupção: meu amor de toda a vida, estás solitário, tão distante vais. Ele veio pisando folhas e, como uma vez dizia, quando ela sofria de qualquer desânimo: tu non sei sola!

Acordou quando um pouco de luz se fazia pela janela sem banda. Ouviu o ronco de um carro. A filha chegava para repor a luz na casa. Se fez um rápido diálogo.

— Vamos pra casa, mãe! O que vai fazer, sozinha?

— Tem muita sujeira pra limpar!

— Deixa que a gente manda ajeitar tudo.

— Eles não limpam tão bem. Está tão sujo que ninguém vai querer fazer isto!

— O homem da luz não tem tempo, mãe. Fez um favor especial.

Feito o serviço:

— Obrigado, filho

— Trouxe uns CDs que vou escutar, filha. Me deixa um pouco em paz. Lá em casa tá muito difícil. Vou tomar coragem. Domingo eu voltarei.

— Mãe, se antes o pai andava triste, agora anda mais!

— Vai, filha, vou ver o que fazer.

O som do motor se afastava aos poucos. Florence carregava uma palavra mais triste, associada ao sonho com Hermeto. Saiu de casa, não sem antes pregar a

parte da janela caída, mas continuava a ouvir: tu non sei sola! Que coisa é essa, murmurou, de a gente se prender tanto, mesmo que nada mais se tenha a dizer! Uma lágrima ameaçou brotar, não fossem os tucanos num resto de mata. Mania que eles têm de erguer suas vozes roucas quando no céu aparecem as nuvens carregadas. Poucos minutos se passaram, quando um trovão anunciou que o tempo não estava para brincadeiras.

Limpava, na cozinha, algumas folhas de alface na água vinda da fonte, e as nuvens do céu derramavam suas fontes sem economia. Lembrou-se do coelho de Buck: O coelho não se encolheu calidamente em seu braço nem se aconchegou. Pelo contrário, continuou a esfriar, a esticar-se mais e mais, e vez e outra, escorregava ameaçando cair no chão. Ele não me sai da cabeça. Meu coelho está morto. Produziu e reproduziu e depois silenciou. Anda arrastando a chinela pela casa. Come seu pastinho sem prazer.

Fez uma soneca, a chuva se aquietou. Foi até o alagado, passando pela antiga estradinha que, tantas vezes, havia descido de mãos dadas com ele. Alguns raios ainda fulguravam com pouca intensidade. Havia paz sobre as águas e as folhagens, plantadas e descuidadas, pingavam.

Primeira linha e nada. Assim uma hora. Outra linha a mais na água. Nem bem o chumbo se fundeara, esticou-se a linha. De um golpe prendeu o peixe. Trazê-lo foi o que foi: movimentos solitários e vigorosos. Desejou tanto que ele a visse no esforço de pescadora. Uma traíra e tanto! A outra linha fez o caniço vergar de pronto! Perdeu a corrida, o que serviu para se animar mais. Ainda bem que a geladeira funcionou. Posso tirar deles quantos quero. Quando chegou a noite havia o suficiente. Poderia levá-los pra casa. Anos atrás, ele se expressaria entusiasmado: aí, muié do coração! Quando me aposentar vou viver só de ti!

Limpou os seis peixes! Oba, pensou, não ando tão ruim assim! A solidão tem disso, não se perde a concentração. E o silêncio tem lá seus méritos. Nenhum remorso acompanhou o enterro dos restos mortais dos peixes. Seria a velhice que a deixara de pouca solidariedade com a vida? Também ela se entregava ao infortúnio da insensibilidade? Foi dormir pensando nessas coisas, mas sem grande pesar. Vieram sonhos de pouca precisão.

Pela manhã, tomou o café com restos de peixe e pão feito no forno. A austeridade das horas começou a vir abrupta. Dia anterior viu cães rodeando o terreno. De tempos em tempos, percebera uma matilha em correrias e latidos, parecendo fúria de cães selvagens. Olhou pela porta, ouvindo um barulho na vegetação. Ecos raivosos vinham em sua direção. Fechou a porta e, pela janela, viu uma lebre em corrida desesperada. Quatro cães em perseguição. O incauto coelho, não percebendo onde se metera, viu tardiamente a cerca. Ao tentar voltar, deu o último salto, caindo nas fauces das feras. A cena de pavor fez Florence gritar. Cada cão, rasgada a lebre, disparou com partes cheias de sangue. A morte violenta causava estremecimentos na mulher. A manhã serviu de meditação. A lebre inteira e a fúria dos animais... Não obstante a força da violência, lembrou-se de Hermeto. Qual a diferença entre o que viu e a sorte dele? Apenas a lentidão da morte. Não estava dividido, nem sangrava nas bocas famintas, morria devagar.

Um choro convulsivo brotou espontâneo do seu peito. Imediatamente, veio-lhe a inspiração de encontrar uma maneira de livrá-lo do estado de violência em que ele se encontrava. Se não em bocas malditas, estava sendo devorado pelo

silêncio. Gritou desesperada, tentando livrar a lebre diante da fatalidade. Poderia ser mais incisiva para libertá-lo? Nervosa refletiu: a cerca de Hermeto poderá ser rompida?

Muito ainda estava por ser feito na casa, mas faria melhor ir ter com ele. Uma derradeira tentativa poderia salvar quem morria. Lera num antigo texto de professora: crianças e velhos sem solução podem ser levados a não violência por um choque afetivo. Somadas as circunstâncias, ligou o seu fusca e, entre barros e pedras, tomou o rumo da cidade.

Existem paisagens e paisagens, ainda que sejam as mesmas. Nada do que sempre via se parecia. O olhar de Florence perscrutava melhor cada pé de macega. A nitidez do campo constituía-se numa fortuna. Estranhava muito: o olhar dos velhos, pensava, costuma viciar. Não era seu caso. Desejou dominar qualquer outra língua pra traduzir melhor os sentimentos dos míseros arbustos. A morte do coelho havia liberado nela o instinto quase selvagem de sobreviver. Nenhum cão devoraria seu companheiro. Foi isso mesmo: a exultação de si se esparramava e o primeiro benefício recairia no companheiro. Que pudesse ter a melhor sabedoria de uma mulher. O amor de duas tesourinhas sobre o alambrado redobrou a força da sobrevivência. O demônio não sobreviverá dentro de minha casa.

O ronco do motor se apagou. Florence viu seu marido de olhar distante. Somente um “voltou cedo”, sem emoção. Florence mostrou-lhe os peixes. Um curto olhar sobre eles e nada mais. Passou-se um dia e outro mais. A vibração dela se abrandava. A reflexão se fez: desse jeito nenhum coelho trucidado despertará à vida. Trouxe as fotos das paredes, mostrando-as, contente. Nada que o demovesse da cansada austeridade. A pobre mulher sentia-se desiludida. Uma nuvem escura apanhou-a com trovoadas soturnas, ou como se estivesse, próxima de um despenhadeiro, em terreno escorregadio. Recorreu a um estúrdio recurso. Tomou duas fotos: a sua e a dele. Deitou-as dentro de uma caixa, similar a um féretro. Flores ao redor e velas, prontas para um velório. O conjunto tornou-se mais assustador que imaginara. Sabendo da hora em que Hermeto despertava, acendeu antes as velas e gravou seus próprios soluços ininterruptos.

O homem entrou em seu quarto, lívido por ter visto o arranjo dos mortos. Acordou Florence, em transe de horror. Aí, uma criança apavorada!

— O que é aquilo mulher? Quer me matar?

—

Florence lembrava a morte do coelho e dos pedaços nas faces famintas. Por sentir-se animada, entendeu que o horror da morte tem seu remédio. Hermeto pouco lembrava o coelho de Buk.

Brilhava a luz da manhã. Pela tarde, Florence ouviu.

— Flor, vamos ao alagado neste fim de semana? Vendo teus peixes, me animei a pescar mais.

Data : 05/04/2013

Título : AO ABRIR A PORTA

Categoria: Contos

Descrição: Pippo Elias Davoglio não pretende muito mais que tornar público o que singularmente descobriu: uma história guardada em canastras.

AO ABRIR A PORTA

Pippo Elias Davoglio não pretende muito mais que tornar público o que singularmente descobriu: uma história guardada em canastras. Foi iniciada em 1846, por Albin Denkemann e continuada por seu filho Bonifácio. Não se sentiu à vontade em divulgar o achado na primeira pessoa. Soltará o verbo em seu nome somente após anunciar os escritos de seus antepassados e os seus próprios.

A pois... os dois foram Albin e Bonifácio, respectivamente, trisavô e bisavô de Pippo Elias. Bonifácio teve duas filhas, a mais velha chamada Prisca e a outra de nome Patrícia. Esta, casada com Honório Davoglio em 1915, teve cinco filhos, entre eles o pai de Pippo, Augusto Denkemann Davoglio, nascido no ano de 1925. Este vero capitão de estância pequena, foi o que lhe sobrou da parte justa dada em testamento pelo velho Honório. Casou-se com Helena Serena Lima, senhora mãe do homem que conta essa história: Pippo Elias Lima Davoglio, nascido no forte calor de novembro de 1960.

O rapazinho, mais ou menos sisudo, era em alegria e disciplina formado. Não comera o pão de graça desde os sete anos. O vero capitão de estância pequena lhe dizia:

– Meu filho, fugir da pobreza exige expedita virtude. Fortuna honesta se faz com duro esforço, meu guri!

Pialando, sinchando cavalo, plantando fruto farto, sovando a erva, em brisa, sem o sol da manhã, fez a média meninice. Mas também tinha no galpão um som pachola de uma gaitinha que se esfolava de prazer. Assim, sem fado seguro, vivia docemente, um dia o pai lhe veio com conversa segura:

– Pippo, a tua professora falou que tu é extraviado de bom no tutano. Boas letras e boas contas se aprumam bem no guri, disse ela. Escuta, então: Tu não quer estudar em Soledade?

– Ó pai! O senhor não quer me deixar no campo?

– Quero sim, meu filho, mas de cabeça pejada de ideia se vai mais na frente.

O guri, em respeito, pôs-se a pensar na preocupação do pai. Taludinho estava, com doze anos feitos. Tangedor de ovelha e vaca, estava com suficiente

disposição e agora aí com vasta novidade: estudar em Nossa Senhora da Soledade. O que sentira o espanhol ao inventar tão sentido nome? Havia zurzudo o tempo um barulho solitário? Agora o interior deste lugar tinha um gurizote com sangue teso e com vontade estradeira. O simples poder do campo e da única paisagem não emparelhavam mais com a notícia nova que lhe coçava o garrão: que visagem tem uma cidade?

O filho do vizinho, se abestalhou de falar no ouvido de Pippo Elias:

– A las cria, vivente, ouvi dizer que tu está de grossa frescura de amassar fundilhos nos bancos de escola de Soledade!

– Pois assim vou fazer! Estou de tesão por fazer campo melhor do que este que fica cada vez mais miúdo!

Assim foi de contramão no dizer provocante do Odorico:

– Estou mijando no teu entender. Já que vou, já estou indo!

Começou a perder-se o menino campeiro que se chamava Pippo. Ô tristeza larga aquela na casa do tio e no colégio desconhecido! Não tinha mais o canto do chorozinho amoitado no entardecer. Cadê as molhadas vozes da manha, ponteadas pela berraria do curral? O costume rijo e acimentado da cidade não tinha gosto e punha a ferver o miolo duro de qualquer índio. Por isso, o que Pippo vislumbrava nele, vigiava nos outros pobres agricultores que, deixando suas pequenas terras, rumavam ao trabalho das pedras na Soledade: uma tristeza vexante, maiôs que aquela que traz o cavalo doente. De vergonha, de pura vergonha, foi que o guri não voltou. Homem que é homem aguenta o decidido. Não volta para casa igual a cusco ofendido. Chorou e longas horas escuras, empoadas de desgosto. Na escola, sisudo estava, mas não de medo. Bombeava apenas os acontecimentos com restos de saudade. Era parrudo e não havia o que temer de um lacaiozinho amofinado que lhe pudesse pôr à prova sua valentia. Pois não é que apareceu?

Resolveram o José de Freitas Mello e o Alfredo Vicente Bittencourt testar no estúrdio garoto seus fartos conhecimentos das lutas samurais. Cochicharam no recreio os dois entendidos das lutas marciais, que piá do interior sairia no primeiro grito de guerra em desabrida correria como cavalim em cheiro de onça. Na aula de Geografia, no último período, lhes afiançava a professora que estavam no meio da Serra de Botucaraí, ao norte do Rio Grande. Falou alto ao ver os alunos aborrecidos com a insossa notícia. “Bestalhões de meia pataca, ficam aí com cara de quem comeu e não gostou! Pois vou ser clara: quem não conhece o seu lugar”...

– Ta frito em pouca banha – gritou o Cornelinho da viúva Joseja.

– Pior que isso – falou a professora de História e Geografia. É como um cavalo perdido no campo: não tem para onde ir. É inútil o passo que dá.

Convenceu apenas a metade da turma. Não desconfiava a guardadora do tempo e do espaço, que o despropósito que faziam não era sem razão. Durante o recreio foi divulgado que ao final das aulas o José e o Alfredo iam bater o brim do Pippo Elias. O Cacetinho, guri de primeira, chegou-se para o lado de Pippo e avisou-o:

– Mira! Aqueles dois querem fazer de tua cara um tambor. Vão te espremer no Samurai!

Riu-se o Pippo e escreveu no bilhete provocações pura: “Chiruzedo de bosta! Não vou botar rabicho em vocês, por não haver modo de segurar!” O bilhete correu solto. O fim da aula prometia ser ótimo. Lá pelo meio da aula consagrada tinha motivação de mais valia.

Quando José soltou o grito estarrecedor, indicando ao inimigo o início do sacrifício, estacou Pippo. – “Ué! Não bati ainda e o bicho já gritou!” Risos soltos na praça. Em cada gesto oriental levavam uma bordoadada no focinho. Não tinham aprendido os dois a coordenar o grito e o gesto. Pippo levou um tapão de campanha do Alfredo, quando este resolveu abandonar o oriente e seguir os triviais costumes do ocidente. José ainda insistiu em desferir no ar um arrojado golpe de tesoura, mas avaliou mal a distância e se desmoronou no chão. Por aí mesmo terminou a luta. Mais do que nunca amou Pippo o seu lugar pequeno, sua aldeia. Ali aprendera a façanha de viver. Daí em diante, o guri do interior não teve no meio dos seus um comezinho respeito. Foi a primeira vez que não chorou quando a noitinha veio morena e depois mais escura. Quando lhe perguntavam onde havia aprendido tantos golpes fatais, respondia que havia sido no Lagoão.

Para juntar o gosto dos livros e o cheiro dos capões, nos dias em que podia, buscava passar no campo. Aprendeu a amar a Soledade nas Brumas de julho e nas chuvas de setembro e desta forma e de outras mais seus dias de estudante.

Reunindo mais uma vez seus gostos, foi tirar Agronomia na Universidade de Passo Fundo. De 1981 a 1985, mais não fez do que estudar. Contando por alto, olhando-se bem no olho da história, fez o que é claro, um rapaz decente faria: amizades muitas, recolheu no meio do caminho, principalmente da gurizada do interior que lhe ofertava boa companhia. Do amor nervoso nada restou a não ser o gosto dos beijos e o encanto das mãos. Nada de absolutamente indelével. Aprendeu mais que entendeu sobre as regras do campo, do gado e da semente: amadureceu no guri o liso cidadão, mais reto e bom que as oportunidades do tempo. Arribaram ele os sons de seu chão: o chote, a chula e a melhor poesia de tantas tertúlias botaram-lhe grandeza de alma gaúcha. Mais ainda entendia o seu pago com gosto e extensão. Amava o Brasil. Leu que só leu Érico Veríssimo e Guimarães Rosa. Entendeu o quanto ainda era pequena a sua conversa e o pouco tamanho que tinha a sua alma. Sobretudo, começou a campear uma ideia adorável pensamento, que seguia mais ou menos assim:

Sou Pippo Elias, filho de herói... todos somos heróis aqui neste chão do Rio Grande. Vimos para substituir escravos. Não foi por noniteza que atravessamos o mar na humilhação e vimos comer o pão com gastura. Derreada a vida podia ficar, mas não! Erguemos nossas casas sem desilusão. Nada recebemos de favor! De nossas mãos fizemos nossas asas? Quem nos deu habitação? Quem nos deu o estudo? Quem ofertou nossa saúde? Silêncio se fez sobre um fado impróprio. Mas da desbriada oferta tecemos nosso ninho. Ninguém desmereceu a sua vez. Foi esta a conclusão que tirou Pippo Elias no fim de uma aula de preparação ao Estágio de seu curso. Completou-se apenas seu sentimento e sua ordem no juízo sobre a responsabilidade que recaía em seus ombros: a severidade de que sua ação era importante para que o pão saísse farto da casa do agricultor. Em dois outros instantes capitais tinha-lhe iniciado a certeza de que estava em uma instituição respeitável: era uma nascida da raça de uma

gente de querer estrovejado. Fora feita uma Universidade em braço forte contra a história escrita: o homem do interior não tem precisão de ser cabeça; de braço e suor se faz sua suficiente contribuição. Pois não é que sua Universidade, nascida em 1950, como primeira pedra, desde o início desprezada, foi se erguendo e como tudo o que nesta região se faz de bom, sem nenhum favor, com exceção de pequenos ofertórios como se fossem espórtulas a pobres que não deviam ter restado. Isto aprendera no primeiro dia de aula, para que soubesse que o dinheiro de sua mensalidade serviria apenas para o sustento da generosa obra.

Outro instante de admiração foi aquele em que viu os trabalhos feitos nos laboratórios de solos e sementes e da pesquisa feita na cultura de aveia. Tinha a instituição que tirar do seu trabalho a existência. A pesquisa era voltada somente para o interesse da região. Aqueles milhares de hectares sofriam, sem decente cobertura durante o rigoroso inverno: estava ali um produto da mais alta qualidade, bom de ser vendido. Os laboratórios não paravam. Era quase a admiração pura que entrava no peito ao se mirar os cuidados que havia em tudo o que se fazia. Tudo se fazia naturalmente, como se fosse obrigação. Crescia por estas e outras aprofundadas visões um querer bem, de respeito e tanto, no coração de Pippo Elias. Ali aprendera o ofício alegre da convivência.

Em carona de couro, bem costurada, se põe o ouro. De igual forma fazia Pippo, guardando em suave confiança dentro do peito, um oculto amor por sua avó Patrícia. Em cada ruga que tinha, havia uma luz de vida escondida. Um fio de voz saltava da trêmula garganta quando a Senhora Patrícia punha o olhar no horizonte chamando as aventuras... não podia haver coisa mais linda. Vida pura, água limpa, luz da manha misturava-se às palavras e viviam novamente a Senhora Genoveva e o Bonifácio. Muitas e muitas vezes nasceu a lua cheia sobre o campo e espiou os dois, soletrando o passado em adoração.

Em julho de 1985, Pippo foi visitar a avó. Disseram-lhe que o coração da velha mal se aguentava e o seu sonho era estar mais uma vez com o neto, que lhe fez engenhoso carinho com as mãos, em suas faces. A alma da avó estava mais carregada que favo de mel ao final da primavera. Pippo foi lhe falando do quanto amava sua casa. E a todos que ela também prezava. Disse-lhe:

– Meu bisavô está tão decidido dentro de mim! Cavalga como seu cavalo Rocinante quase todos os dias. A Genoveva administra meus negócios. Já estou comprando meu navio.

Patrícia se comovia ao tomar nas mãos o rosto do neto. E falava com voz suave mais que devota:

– Traz pra cá, para perto o baú de couro.

Tiraria a avó um navio só pra ele?

–Mira bem, Pippo!! Aqui está a mais preciosa herança que Prisca e eu te legamos! São os escritos de Albin e Bonifácio. Boa parte das histórias que eu contava estão aí anotadas.

Tomou Pippo nas mãos as folhas amareladas, nas quais estavam de próprio punho, as letras dos dois. Olhou para os lados a verificar se algum deles não se debruçava sobre o passado escrito. A velha chamou-o para perto de si e

encostou nele a sua face. Eram uma plumagem as suas rugas serenas. Perguntou-lhe:

– Pippo, para onde sopra Deus nossas casas?

– Com certeza, para um bonito lugar – respondeu-lhe o neto.

Levantou-se o rapaz e espalhou seu olhar no campo. Um relincho de potro abriu-se todo. A velhinha dormia um sono de sonhos.

Pippo chamou a mãe Helena e o pai Augusto e confessou-lhes o ocorrido. Olharam os alfarrábios e não mais descansou Pippo, lendo-os com aguçado interesse. Foram três dias em que nem a televisão lhe chamava a atenção. Somente os irmãos menores de Pippo não estavam ainda para a devoção dos falecidos. Cena densa era a de ver a família ouvindo os escritos da história valorosa.

Augusto Davoglio, homem trancoso, das labutas cansado, soltou lágrimas do olhar ao saber de tanta virtude na história de sua gente.

Antes do Natal daquele ano de 1985, Patrícia, ninguém soube o exato instante, despediu-se como num sopro.

Ano : 2015

Título : DE UM AMOR TARDIO

Categoria: Contos

Descrição: Emília, setenta, apreciava comentar sobre si mesma: quero morrer viva!

Emília, setenta, apreciava comentar sobre si mesma: quero morrer viva! Riam-se todos pela contradição. Ela repetia com mais ênfase: é isso mesmo! Estar por aí incapaz, jamais! Respondia desse jeito aos pobres incautos que debochavam de seus desejos. Ainda mais: vou amar de um amor demais! Mais se riam. E ela deles se ria mais ainda! Nenhum comentário preconceituoso avassalava-a, mostrando que sua verdade ia além da história que a cercava.

Na turma da Universidade Sênior, na qual produzia textos sobre Conversas de Meu Ser, todos se encantavam com a maneira de seus escritos. Palavras pobres, cheias de espírito. Com estilo simples, revisitava eitos de seu viver. Deixou escapar entre vírgulas e pontos o amor que pretendia. Seu primeiro amor se fora aos pedaços e, de forma inconformada, como andorinha ferida. Não se ressentiu tanto que pudessem vê-la debaixo do mau tempo. Posso ser uma onça morrendo, mas ninguém vai me ver sem defesa.

Jesualdo, da mesma turma, adorava conversar com ela.

Após um dos encontros, ela percebeu, no espelho, um brilho e tanto nos olhos. E pelo brilho, desconfiou de seus sentimentos. O que é isso, muié, não me venha dizer que ele tá querendo coisa, ou melhor, a minha coisa. Acho que tá fazendo volta. Vou espiculá. Tomou o chimarrão com um apetite especial. Pondo a bomba na boca, sentiu um calor de lábios espertos. A coisa é séria! Não tenho instrução, acho que é do bem tudo que está chegando.

Mal segurou o tempo de espera. Tava pra lá da palavra que dizia. Barbaridade!, não posso ficar quieta, exclamava. Foi ter no computador pra registrar tudo que lhe vinha. Não comungava da devida expressão gramatical, entretanto, mais que a gramática, trazia-lhe a vida. Chorou a primeira lágrima de carinho. Será que ainda é tempo de ter a minha coisa em algum propósito? Mucho mejor, minha senhora, o que me vem embaixo é o que me faz voar sobre uma montanha. A sobrinha que viera até ela pra tomar chimarrão apreciou de perto o estado diferente que ia nos gestos da tia.

– Parece que tá com o bicho no corpo, tia.

– Ainda não, confessou a velha senhora, sem pensar!

Riu alegre do disparate. A Felícia, sobrinha bocuda, abriu uma boca sem reservas, soltando sonoridades.

– Tô vendo que tá dando coisa em tua vida.

– Não, Felícia, tá dando vida em minha coisa. Mais se riam e de tal modo que a casa quase ruía.

– Coisa boa, tia Emília.

– É mesmo! Veja só, que minhas coxas mal se seguram fechadas! Pior que penso que ainda é pouco. Não tenho vergonha. Meus pensamentos não têm pecado e quero que venham ainda mais.

– Coisa estranha, tia.

– Nada disso, garota. Quem disse que a vida termina?

Estou uma lâmpada de querosene nova. Minha lamparina pode se iluminar.

– E os tios Alberto e Otília o que vão achar?

– Não tô nem aí se procurarem e acharem! Tô na minha!

– Que coisa boa, tia Emília. Pena que tudo é tão breve!

– Melhor, garota! Vou tomar o tempo como se fosse um bom vinho. Já tô meio tonta! Emília não segurava em paz a espera pra aula. Jesualdo pode não ser um Jesus, mas quem sabe pode fazer meu milagre. Quero ver de perto o milagre dele, brincava com a situação.

A professora Helena ouviu de Jesulado do que já não se fazia muito segredo.

– Estou sem jeito, professora, estou tentado de Emília. Não sei como dizer o que sinto.

– Primeiro, Jesulado, não é tentação: depois dos setenta é graça de Deus! Não faça onda, que o tempo não senta pra esperar. Convida ela pro filme que tá passando... tá cheio de carinhos. Depois diga: te amo! Pronto e punto! Depois só Deus sabe...

Depois da aula foi Emília quem falou pra Helena...

– Olha, prô, tô que tô pro lado do Jesualdo.

– Então tá esperando fazer o vestido de noiva, os proclames, o apoio do papai e o que dizem os filhos?

– Tá bem, prô, também não precisa empurrá pra cima dele.

– Só uma coisa! Comece a fazer as lições. Te emprestei o gravador pra você ver tua fala! As palavras bonitas também mexem com as coisas!

– Tá, bem, pode deixá! Se é pra isso, prometo não vou esquecê nenhum de nenhum; Do resultado não careceria nenhum comentário. Mas pela exuberância valem algumas palavras.

De tanta ventura emiliana, não se sabe se foram as lições que melhoraram as suas coisas ou se as coisas melhoraram as lições. Falava escolhendo e escandindo palavras, a ponto de causar grande impressão em Helena.

– Santo Deus, Emília, o que deu em ti?

– Sei não, professora, acho que fui eu quem deu. Leio

Pessoa e Drummond e em tudo se me põe uma coisa que se mostra quase perfeita. Estou alucinada, minha cabeça feita de estrelas e desde manhã tenho jornadas. Tudo, professora, está um campo verde, o vale verdeja, e na coxilha cresce uma pastagem exuberante.

A Jesualdo, o solitário, retornaram palpitações. O cardiologista afirmou-lhe não haver patologia.

Felícia, ainda que tivesse duvidado dos ardores da tia, acreditou que uma revolução se fizera. Tirou a limpo o milagre de Jesualdo. Foi só Emília abrir a boca, risos e outras sonoridades rebentavam no ar.

– Sabe, tia, que achava exagero o que dizia, mas, vendo você falar, acredito no que ouço.

– Podes crer, tu que és jovem, aprenda de uma vez por toda a vida. Nada se perde, tudo se transforma, às vezes pra melhor. É o meu inarredável testemunho. As demandas eróticas não são medidas pela carteira de identidade.

– Por favor, tia, não exagere tanto no português.

– Que posso fazer se minha língua anda desse jeito! Faltou ar pra todas as sonoridades das duas.

Data : 05/04/2013

Título : OS ESCRITOS DE ALBIN DENKEMANN

Categoria: Contos

Descrição: Por quase cinco anos guardei o trabalho escrito do meu herói Albin Denkemann. Reuni meus cruzeiros para ver se punha a lume o esforço feito.

EM BUSCA DE UMA ALDEIA

INTRODUÇÃO

Por quase cinco anos guardei o trabalho escrito do meu herói Albin Denkemann. Reuni meus cruzeiros para ver se punha a lume o esforço feito. Não é do fato de ser meu trisavô que frutifica a importância. Qualquer um daqueles que vieram por mares tão indignamente navegados, podia escrever o que Albin escrevei. Ponho à luz o que por mérito sincero tem que ser feito. Pelejada foi a honra de nossa gente. Ofereço o que de graça recebi. Que cada um a tenha, conforme a sua particular intenção. Mas não largo mão de uma atazanada ideia: – Não foi para qualquer um chegar semelhante a escravo e divisar uma pátria com sonho intenso.

Wenn Abends still die Sonne sinket
Und Abschied nimmt von Berg un Tal
Wenn mild die Höhen noch erleuchen,
Bei ihren letzten Abschiedsarhl;
Dann hör'ich fern ein Glöklein klingen;
Es klingt so traut, es Klingt so rein,
Dan wird mir so schwa um's Herze,
Dann möch ich heim – dann möch ich heim!

Adolf Krestschmer.

Quando, ao anoitecer, o sol se põe silencioso
E se despede do morro e da planície,
Quando as alturas ainda resplandecem suavemente,
Em seus últimos raios de despedida;
Então ouço um sininho tocar à distância;

Com seu toque tão familiar, tão puro,
Então sinto um peso no coração,
Quero ir para casa – quero ir para casa!

A CASA PERDIDA

Não quero que a minha história se perca. Quando minha boca e meus olhos estiverem alimentando a terra, sem nenhum orgulho, quero que meus descendentes possam contar uns para os outros como fizemos nossas primeiras casas. Muitos deles se perguntarão como é que um agricultor de nascimento e artesão por obrigação soube ser capaz de contar tão importante história.

Acredito, não sei se por inspiração de Deus, se por influência de boas leituras e conversas, que o homem pode ser um pouco mais feliz no seu dia-a-dia, se for capaz de pensar sobre tudo o que acontece, tirar suas decisões e pôr-se em ação, nem que seja para fazer uma pequena obra, na tentativa de resolver o que estava mal feito.

Corria o ano de 1846. Os 250 habitantes da aldeia de Deuselbach não estavam contentes com o quês acontecia. Albin Denkemann era um deles. Tinha apenas vinte anos e já trazia consigo muitas preocupações. Não se conformava com o que ocorria em torno dele. Sua alma estava inquieta, pois penetrava com relatividade exatidão nos fatos principais de sua aldeia. Percebia, pela inquietude, que deveria tomar bem logo uma importante decisão, porque se assim não o fizesse, seus sentimentos ainda voariam pelos ares até chegarem ao alto das montanhas de Hunsrück. Era para elas que, não raramente, dirigia seu olhar ao entardecer. Assemelhava-se às costelas de um cachorro magro e é daí que vinha o nome daquela cadeia de montanhas. Dizia, rindo para o seu espírito, que seus sonhos estavam magros como as íngremes e elevadas montanhas, das quais os vales mais férteis começavam a desaparecer das mãos de todos os pequenos proprietários. Nem mais o centeio e as batatas podiam servir de farto alimento. Os moradores já comiam tão pouco, que era insuportável ficar naquele lugar sem ter com que sustentar-se e sem perspectivas de sustentar ao menos uma família pequena. Numa destas tardes, enquanto contemplava as montanhas, Albin escreveu:

“Por Deus, o Nosso Senhor Jesus Cristo, juro que aqui eu não fico mais. Escrevo nesta lousa de pedra por que tenho de ir embora. Não é por falta de amor à minha casa, nem porque tenho medo de que ela caia em minha cabeça, mas vou para o Brasil. Aqui não há mais para pôr em prática um sonho sequer. Onde posso ter meu jardim, se não tenho um palmo de terra? Onde poderei pescar um

peixe, se os vales foram todos tomados pelos nobres e ricos senhores? Como poderei cobrir meu corpo com uma calça bonita, se apenas posso colher o Cânhamo que não me pertence? Vendemos o nosso pequeno Hoff* e nem uma laranja podemos mais colher. Pagamos nossos impostos às custas das terras de nossos pais. É pena que Napoleão não tivesse ganho todas as guerras. Ele teria ensinado, definitivamente, um pouco de igualdade. Depois que o baixinho em Waterloo, todos os nobres e ricos senhores, os bancos e o governo espoliaram os pobres. Estou eu aqui, com uma mão na frente e outra atrás, sem saber qual delas eu tiro. Apenas uma ideia é que me dá um pouco de esperança: Nach Brazil!”

A Senhora Anna, esposa do Senhor Otto Denkemann, ao ler as palavras na pedra preta, chamou a filha mais velha, que por sua vez inquiriu Franziscus, que sentia como o dedo qual das cinco galinhas brindaria a família com um ou dois ovos. Era uma atividade humilhante essa dos garotos de aldeia!

Pelas palavras de Anna a seus filhos, podia-se perceber que uma senhora pobre, quando ferida, também sabia demonstrar uma gama de sentimentos.

– Net fia mein Bub! Net fia mein Albin! De is noch so jung wie’n Kind.** O nosso Deus parece escondido nos vales. Parece que até ele está assustado com nossa sorte! Que história é essa de nossos filhos não poderem mais crescer com seus pais? Assim não dá para agradecer por coisa alguma quando o sino toca.

A filha mais velha, Lina, ordenou, com firmeza:

– So net, Mamma!*

Por isso, Anna sentiu que tinha ido longe demais na exposição de seus sentimentos, todavia, não havia arrependimento em seu peito. Afinal, tinha o direito de reclamar por aquela desgraça escrita na pedra.

Pelos pedaços de grafite jogados no chão, adivinhava a raiva que rondava seu filho.

Otto Denkemann estava tenso como as nuvens carregadas que, por vezes, se debruçavam sobre as rochas. Abatia-se por não ter maiores perspectivas a oferecer ao seu filho. Queria ficar com seu Hoff, mas não dormia, porque todos os dias vinham as cobranças relativas ao pequeno pedaço de terra que lhe pertencia. Ter dois hectares era, então, um privilégio insustentável. Fazia cinco anos que, com o filho Albin, começara o ofício de carpinteiro. E descobrira que se encantava com o trabalho na madeira. Agora, não sobrava outra alternativa, senão a de ir até o Padre Hildebrand Heilstock, a fim de pedir orientação para as suas ansiedades.

– Herr Otto, não ponha a culpa em sua dor, que ela se basta. Não é só o senhor que carrega esta pesada cruz. Ao longo destas montanhas, ouço a mesma preocupação desta pobre gente que diz:

– Padre Hildebrand, quando é que Deus vai afastar de nós toda esta angústia?

– Eu lhes respondo que Deus não tem nada a ver com a mesquinhez dos homens. Acredite, Herr Otto, deixe seu filho partir em paz, pois em terra estranha poderá haver melhor lugar para os jovens. E a terra nova não possui os vícios que a terra velha apresenta. Sou testemunha do quanto o senhor se esforçou para honrar todos os seus filhos.

– Agradeço-lhe por todo o conforto e por ter aliviado minha alma de acabrunhamento. Mas gostaria ainda de poder ter um pouco da alegria de quando era menino, porque há vinte anos que nenhum de nós consegue dar boas risadas na vila.

– Nem aqui em Trier ouço mais a alegria, Herr Otto. Talvez, com as boas notícias dos filhos fazendo grandes colheitas, possamos rir e cantar o “Grosser Gott”.

– Peço-lhe, Padre Hildebrand, que aconselhe meu filho antes de ir até o mar.

– Com prazer. Estenda minha saudação e coragem a Anna. Diga para ela que Deus não gosta de tristeza e que, com esforço, ainda poderemos pular de alegria em Deuselbach. Peço-lhe agora, que venha arrumar as portas da igreja, que estão quase caindo.

Otto ficou satisfeito, pois além de consolo, encontrou mais trabalho, no qual aplicava seu ofício de artesão. Ao menos a madeira se submetia às suas intenções.

Em outro dia, Padre Hildebrand foi à pequena casa dos Denkemann. Não havia paz nela, mas ao menos o desespero havia se afastado. Com um pouco de inspiração, o barco poderia ser salvo.

Padre Hildebrand, naquela manhã de segunda-feira, estava com toda a graça de que um homem pode dispor. Pensou consigo durante o caminho: “Bom, se é tomada uma decisão, esta deve ser recebida como uma criança muito esperada. Não se pode pôr assombros sobre uma opção feita. Ao contrário, é preciso estimular. O caminho escolhido deve ser iluminado por todos. É isto o que vou fazer com o Albin.”

A Senhora Anna, ao ver Padre Hildebrand sentiu-se alegre, pois ao que tudo indicava, a desgraça, com a bênção de Deus, ainda podia se converter em um bom motivo de alegria.

As ideias revoavam no espírito da senhora. Bem que tinha razão a mãe que já pressentia o destino: “Anna, do jeito que as coisas vão, ou se faz a sorte parar, ou não temos mais nenhuma sorte.” Chegara o tempo de parar a sorte e de dar-lhe outra direção.

Padre Hildebrand não perdera o costume de seminarista e continuava a dizer nas casas em que chegava: “Paz para esta casa e para todos os seus habitantes.”

Da casa, Albin saiu, quando ouviu o trotar do cavalo. Até o animal tinha um comportamento de beatitude: andava manso e abaixava a cabeça,

humildemente. Padre Hildebrand dizia que o jeito do cavalo era assim, por conta do vigário anterior, um santo que faleceu troteando o animal. “Ou era por medo de que outro padre lhe morresse na garupa, que andava desse jeito?” – brincava o novo vigário.

Albin foi ao encontro de seu antigo mestre, que quase o convencera a ingressar em um seminário.

– Bom dia, Padre Hildebrand.

– Bom dia, bom dia, Albin. Então rapaz, não quer mais a sua casa?

– E como quero, mas nada se pode fazer, a não ser um milagre. Como o senhor me ensinou que as mãos dos homens é que preparam os caminhos de Deus, também quero fazer a minha parte. Dizem que a América é a mãe dos pobres...

Nesse instante, chegou a mãe com uma galinha na mão. Julgava a senhora que valeria a pena sacrificar uma das cinco, pela importância do acontecimento.

– Padre Hildebrand, disse ela, veja se tira a ideia da cabeça do guri ou, se não conseguir, abençoe sua viagem.

– Parece, Senhora Anna, que já devo invocar as bênçãos do Senhor.

– Bem, Albin, enquanto caminhamos um pouco pelo vale, sua mãe poderá preparar uma sopa de esquentar até a alma.

A irmã mais velha, que tinha moldado o caráter ao tempo difícil, falou:

– Vá logo e que se faça já o que deve acontecer.

No caminho do vale, assistiram a uma cena que se repetia seguidamente nos últimos anos. Vinham alguns pobres, uma pequena multidão, caminhando alegre. Todos batiam palmas e cantavam:

Quando nós galgamos vertiginosas alturas

Na busca do cume

Em nossos corações queima uma busca

Que não nos deixa mais em paz!

Magníficas montanhas, alturas de sol,

Peregrinos das montanhas somos nós, sim nós!

Cotovias e sol, corações cheios de encanto!

É magnífico ver as estrelas...

Foi então que Padre Hildebrand começou, aproveitando a inspiração da brisa, a falar como se soprasse, animando a alma de Albin:

– Veja a maneira que eles têm de enfrentar o sofrimento que mal suportam. Cantam como se brincassem com a morte que os cerca. Já estive na Boêmia e

vi as fábricas de cristal. As fibras polidas penetram no pulmão e não mais de 40 anos duram os artesãos do cristal. No entanto, não há gente mais alegre que aquela da Boêmia. Compensam o pouco tempo de vida com a intensidade dela. Brincam com a cor que os conduz além: ficam azuis. Estes aí que correm no vale e se comportam como os vagabundos das montanhas mal adivinham que correm da má sorte. E pouco tempo lhes sobra até a deterioração do comportamento. Em pouco tempo deixam de sonhar e exterminam dentro de si qualquer expectativa. O pior que uma pátria pode fazer é conter o dia de amanhã para os seus filhos.

– Então estou certo em minha decisão. Se aqui não tenho mais o que fazer, nada me resta, senão buscar um lugar que me dê confiança.

– Acredito que sim, mas nesta empreitada, deve-se levar algumas convicções.

– Em que devo acreditar mais que tudo?

– Em toda a América Latina, muito mal foi feito. A nossa Igreja de Espanha e Portugal gostou, mais que em todo lugar da glória. Esqueceu-se de que o Salvador teve um pai carpinteiro. Teve a má ideia de entender que as mercês devem nascer aqui mesmo e às custas da liberdade dos outros. Precisou o homem fazer uma revolução para entender que todos são iguais, mas parece que a Europa não se envergonha de si mesma. Está praticando o segundo pecado mortal.

– Qual foi o primeiro?

– Mataram os seus habitantes e ocuparam a extensão de suas terras e agora enviam os pobres da Europa sem proteção.

– Eu sou um dentre eles.

– É bom que pense assim. Sabe, desde logo, quem é seu inimigo. Ele vai continuar a morder no seu calcanhar. Não descansará enquanto não se livrar de todos os que vagam nas montanhas. E que auxílio concede a Europa aos seus filhos que partem? Mais que tudo, quer se livrar deles. Pior é que a pobreza nega à alma a salvação. Lá se vai o bom pensamento que ilumina o comportamento fértil. Lá se vai a linguagem elegante. Lá se vai o dom da bondade.

– Mas Padre Hildebrand, ainda não falou das virtudes que devo cultivar, uma vez que estou convencido de que devo resgatar a minha alma, custe o que custar.

– Parece que vejo as pequenas aldeias nascendo e em todas elas uma bela escola, uma igreja e os homens e mulheres em seu trabalho. Não se negue a amar a pátria que o recebe, mais que aquela que o abandona. Tenha em mente, apesar do desânimo, que é com as nossas mãos que Deus costuma fazer a história. Durante o tempo em que vivi com você, tentando ensinar-lhe que Deus merece até nossa carne e desejos, percebi que é um lutador, mas vi também que a solidão o mataria. Forme a sua família, como se você fosse um artesão que modela. Faça de tudo para dar o pão alegremente e as melhores vestes para mostrar a importância de seus filhos... Mostre, enfim, à Europa, que apesar da injustiça, poder-se-á ter orgulho na América do Sul. Implante lá mais um pouco de igualdade.

Agora estavam os Bergvagabunden* caminhando na pequena estrada da roça de cevada do Senhor Reichmann, um velho avaro que conseguira, às custas

de trabalho barato, fazer fortuna, pois comprara as terras da humilde gente. Exibia 35 escrituras de lotes e dizia, cínico: “Os imigrantes podem partir com o meu dinheiro.”

Os Bergvagabunden ainda cantavam quando o sol começou a esconder-se. O vale estava quieto e se ouvia nele o eco de uma gaita. Antes de descerem para o outro lado do morro, ouviu-se:

“Nach Brasilien! Klang die Losung

Nach mit gold’nen Pomeranzen

Sich die faulen Tiere mästen!”**

– Não se meta, continuava o padre, na aventura de esperar tudo de Deus ou do governo. Quem faz isso não merece atenção. É gente condenada ao desprezo. Mas também não perca oportunidade alguma de ter poder. Vomite de sua boca aqueles que defendem os pobres e querem viver como ricos, mas quando se lhes dá oportunidades perdem o dom da bondade e da austeridade e põem tudo a perder. Vai ver, meu filho, que no Brasil sempre vai haver alguém dizendo que o reino de Deus consiste em não fazer nada. Lá, quase todos vivem do ócio, da aventura, da natureza e da morte dos outros. Querem ser filhos do rei. Você vai ver que boa parte quer viver como os “faulen Tiere”.

– Padre Hildebrand, como pode ver tudo tão claro se nunca foi até lá?

– É que assim foi a origem. A raiz fala, em boa parte, sobre o tamanho da árvore. Não sei de onde tiraram que Deus pode ser agradado com a ociosidade.

Quando chegaram à casa, o cheiro da sopa invadia até o pátio, Otto veio ao encontro dos dois, sorrindo:

– Então, padre, conversaram sobre a partida?

– Herr Otto, pode abraçar um brasileiro que vai ter 72 hectares de terra e sustentar sete filhos, só com os patos selvagens que vêm comer os peixes gordos do rio.

Somente Anna não suportava a partida.

– O rico poderá ver seus filhos casarem e ver os filhos de seus filhos. Eu penso, vendo meu filho ir com 20 anos! Garanto que o filho do Reichmann poderá ter sua família num dos vales de Hunsrück.

– Minha cara Anna, disse o padre, ninguém concorda com o mal que se faz, mas Albin poderá fazer uma pátria melhor do que a que nós fizemos.

– Ó, santo padre, disse a filha mais velha. Como é que um pobre imigrante vai ter autoridade para mudar o destino?

– Menina... Medche, Medche***... os tempos estão agitados. Não viu o que os franceses fizeram com a cabeça do rei?... Pode ser que um imigrante de boa vontade e mais outros consigam mudar os costumes e fazer um pobre erguer

sua voz no Brasil. Liebche, liebche****, Deus é grande demais para que o ponham num saco... Deixe eu contar uma história só para você... Dizem que a Eddelweis era uma flor que tinha o costume de querer crescer ao largo dos caminhos e todos pisavam nela. De branca, já se acostumava à cor do barro. Bastou que uma semente se inconformasse, para crescer nas montanhas...

Lina não aceitava que se fizesse da realidade tão pouco caso e tentou desaparecer o padre do seu cavalo:

– Quem foi o seu Bispo que não lhe ensinou a pôr os pés no chão?

Pois não é, Lina, que ele era mais santo do que eu? A graça do Senhor fazia louvá-lo até no silêncio do cuco ao meio-dia. Foi ele que me ensinou que Deus correu dos palácios e gosta mais das aldeias. Escute aqui... não me tire a alegria... No dia em que tiver de chorar, saberei que a história não tem jeito. Cada um então poderá falar: “Só se tem que esperar o pior”.

A filha mais nova, Greta, estava tão contente que não se conteve:

– Eu quero me casar no Brasil. Eu gosto do Edwin e vejo seus olhos a fitarem caminhos além de mim. Tenho a certeza de que o Albin vai na frente e daqui a cinco anos eu e o Edwin vamos de braços dados para lá.

Otto, que estava sério, e Anna, que já tinha a testa com três sulcos, ficaram espantados. A Senhora Anna demonstrou o que sentia, ao dizer:

– Das is net woal!* Você é muito pequena para ver o futuro... e eu não quero ficar sozinha com Otto, olhando para o oeste, imaginando como estará minha filha.

Otto olhou para Greta, que ainda era uma criança e ordenou:

– Chega de assustar a mãe. Basta um susto por semana!

Albin tentou melhorar o clima:

– Deixe o futuro para depois... Agora importa a sopa de galinha.

– Pois é, mano – animou Greta – uma das galinhas está com pintos. Vou engordá-los para fazer um assado quando vier a primeira notícia do Brasil. Você vai me escrever... “Aqui a cozinha deve ficar fechada enquanto as panelas estão no fogo. As pombas grandes e pequenas voam de todos os lados e pode acontecer que uma delas caia na panela e estrague o almoço.”

Riram, o Albin de alegria, e o padre, pelo senso de humor da pequena de 15 anos, enquanto Otto e Anna tentavam espantar o nervosismo.

Lina, que tinha o espírito um tanto amargo, ironizou:

– Para mim, o Albin vai escrever o seguinte sobre uma conversa com o seu vizinho:

– “Querida irmã, vou lhe contar sobre os últimos e inacreditáveis acontecimentos... Meu vizinho, vendo as morangas penduradas na cerca, elogiou-as: Senhor Albin Denkemann, que lindas morangas o senhor tem penduradas na cerca! Prontamente, eu lhe respondi: Não senhor Kleinauermann, aquilo que está vendo não são morangas, são uvas que estão amadurecendo...”

A risada foi geral. Começaram a falar de tudo o que deviam providenciar para Albin chegar ao Brasil. Padre Hildebrand já estava acostumado a ajudar aqueles

que saíam da região de Hunsrück. O dinheiro da passagem seria tirado do pouco que sobrara da venda do Hoff. Em troca de alguns auxílios da bondade de quem ficava, o alimento até São Leopoldo, onde deveria chegar, estava garantido. Nada de mais interessante se fez nesse dia depois da sopa de galinha, do que olhar o mapa que o padre Hidelbrand emprestara. Mas não se pode dizer que Albin não sonhava com laranjas douradas e aves bonitas passeando pelo pátio.

Na Strassedorf de Deuselbach havia rumores de que poucos ainda poderiam ficar, pois os impostos estariam cada vez mais caros e o preço do trabalho cada vez mais aviltado. Os pais olham para os filhos menores e gostariam que alguém lhes desvendasse o futuro ou que lhes devolvesse um pouco de esperança.

Em um daqueles dias de junho, é que o Padre Hildebrand falou do alto púlpido para seus fiéis:

“Nunca esta igreja esteve tão cheia assim. Não sei se Deus está mais presente ou a verdade é que nossos queridos fiéis mais dele precisam. Ele até marca sua hora para um cabelo que cai; então acredito: “nós que estamos com angústia em nossos corações, podemos tocá-Lo para receber o Seu conforto.”

O Senhor Deus não nos abandonará. Entretanto, vejo no rosto de cada um, marcas da insatisfação. Até aí, acredito que o Senhor esteja contente, porque Ele, o nosso Deus, não gosta de gente conformada. Concedeu-nos ódio para odiar aquilo que faz mal às nossas vidas. Mas vejo que os pais, muitas vezes amargurados, punem os filhos com palavras indelicadas, quando não os fazem sofrer no corpo a sua zanga. Nada merece a punição do corpo que é a casa de Deus.

Por tudo isso, hoje eu vou falar sobre esperança. Precisamos ter fé em nós mesmos, pois o Senhor é o Deus Emanuel.”

Continuou por mais quinze minutos a exaltar a principal virtude daqueles que padecem. Falou do horizonte e dos sonhos, da coragem e da fé que deviam ser olhados com especial atenção. Não esqueceu de pedir que se afastassem de todas as formas de desânimo. E que não afogassem a dor no álcool. Falou do salmo 15, exultante: “O cordel mediu para mim um lote aprazível. Muito me ajuda a minha herança”. Disse mais sobre pôr no Senhor os olhos, como pôr nos outros a palavra para aliviar a desesperança. E se inspirou, quando analisou os instrumentos da esperança. Nesse assunto, falou que duas mãos se tem e nessas, dez dedos, e quem os perde, outros sentidos tem. Para os pais que não conformavam com a partida dos filhos, mostrou que estava bem informado sobre a terra desconhecida, o que concedeu alegria. Interrogou, com voz forte: Por acaso está escrito que o lugar preferido do Senhor é a Alemanha? Por acaso o Menino teve pior sorte quando fugiu para o Egito? Por acaso se deram mal os hebreus na Terra Prometida? Demonstrou irritação, quando disse que só duas coisas não aceitava:

1ª – Que o governo alemão assistisse, sem dar nenhuma proteção à saída de seus filhos.

“A Alemanha deverá se envergonhar do modo como abandona os mais fracos. Mas nada disso importa, quando se tem convicção em torno de bons objetivos.”

2ª – Que a igualdade estivesse tão distante da Alemanha.

“O governo, os nobres, os banqueiros e os novos ricos da terra e da indústria mereciam o inferno.”

Percebendo que tinha sido severo demais na atribuição do castigo, estimou que bastariam 100 anos de solidão no purgatório. “Mas nada disso importa, quando se toma uma decisão em torno da boa esperança”.

Percebeu que na sua igreja havia muitos dos quais mandara para o inferno e reconsiderou: Deus poderá voltar atrás na decisão de castigar os maus, se eles forem generosos. Façam todos a sua doação, para que os nossos irmãos que decidiram ir para o Brasil possam ter mais esperança. Disse o que tinha a dizer.

Naquele domingo, Padre Hildebrand passou da pequena vila para outra e ajudava aos que partiriam naquele mês.

Quero agora, nesta noite de domingo, a 20 de maio de 1946, falar sobre minhas últimas impressões sobre Deuselbach, sobre o que aconteceu no campo de centeio do Senhor Hofmann e sobre a minha casa. Por ordem passo a descrevê-las:

A minha aldeia está perplexa. Nela acontecem fatos que, por força das circunstâncias, são as mais extravagantes possíveis. Depois destes dias, posso garantir que a vila nunca mais será assim. E anoto estas coisas, porque não há nada melhor para escrever sobre a alma humana, do que fazê-lo, referindo-se a aldeões. Nada melhor do que escrever sobre aldeões, se se quiser falar sobre uma pátria. Porque eles traduzem, com muita fidelidade, todos os conflitos que atingem uma nação, e, sendo um pouco mais pretensioso, eles expressam as dores do mundo. Uma aldeia perdida revela uma pátria perdida.

O que escrevo é uma homenagem a Deuselbach que, ultimamente, tem suportado extremo desconforto. Há poucos anos todos contavam que os pobres subiriam ao trono com a mesma naturalidade com que as cegonhas fazem seus ninhos nas chaminés sem fumaça. Mas isso passou como uma suave brisa. Uma forte tempestade abateu-se sobre minha aldeia e não apareceu ninguém para proteger os aldeões desprotegidos. As intrigas se infiltraram em nossas casas, colocando vizinho contra vizinho. A pobreza, com toda a sua ameaça, perturbou o sono dos pais que, irritados, puseram-se a agredir os filhos. O padre Hildebrand teve que tornar fortes suas palavras, para acalmar as garras que saltavam da intranquila alma das pessoas de Deuselbach. O Senhor Treuermann ficou tão entristecido, que foi ao mato e, com uma corda, quase arrancou-se a cabeça. A Senhora Frechsprach, a que tinha veneno na língua, com os últimos acontecimentos, está insuportável. Ninguém escapa de suas palavras maldosas. Antigas brigas, até aquelas acontecidas há mais de 70 anos, começaram a retornar. Mas assim mesmo, alguns aldeões conseguem pôr a serviço a sua generosidade. Parece que o sofrimento está erguendo-os.

Contam que na Floresta Negra, o Argus aprendeu a voar por causa dos lobos. Esses aldeões, parece até que criaram asas e voam sobre a miséria, dando alívio às pessoas tomadas pela dor. O Senhor Singerbaum fez até uma linda música sobre o versículo 17 do salmo 16:

“Do alto estendeu a sua mão e me pegou,
E retirou-me das águas profundas”.

Parece que quando cantam, a aldeia toda retorna à sua normalidade. Mas não é fácil dar remédio à angústia desta gente, porque poucos dias depois, cada um começa a ser o que fora antes da invocação.

Uma boa parte das pessoas, como eu, começa a buscar outro lugar, com o qual sonha o dia inteiro. Muitos dormem mal à noite, de tanto imaginar a casa nova. Nem de longe se pode enumerar as mudanças que ocorrem numa aldeia em tempo de grande aflição. Só Deus pode saber como ficam as pessoas nas provações que os homens armam uns para os outros. Acredito, sinceramente, que cada um, com a sua forma de ser, por pior que seja esta forma, tenta dar um pouco de refrigério ao espírito que se perturba. Eu ponho tudo isso neste papel velho, para entender o que se pode fazer. Vou ajeitar todos os pedaços para que os aldeões e eu entre eles, possam um dia, encontrar mais consideração e obter mais respeito de quem vier depois.

Sobre a conversa no campo de centeio do Senhor Hofmann, podem ser feitas muitas considerações proveitosas, a começar pela pequena propriedade e pelo Senhor Hofmann. É uma área de 04 hectares, que custou um grande sacrifício da parte de seu proprietário. Não foram poucas as vezes que a família toda se levantava quando ainda era noite, para arar a terra à luz de uma tocha. O Senhor Hofmann sempre dizia que preferia morrer a perder o que fora uma conquista de cinco gerações de sua família. Durante 60 anos foram pagas as dívidas a um suserano, para, enfim, obterem a liberação da posse definitiva. Depois desta forma de vassalagem, vieram os impostos tão pesados como o sacrifício que já fora feito. Cada grão de centeio tinha um preço e, desta forma, o pão negro era comido a elevados custos.

Quando, em quatro rapazes, passamos pela pequena estrada onde vergavam os pés, a conversa cheia de vida. O amigo Egelbert afirmou:

– Caro Albin, queremos dizer-lhe que será o primeiro a partir. Aqui tem um pouco de dinheiro para o pagamento das terras que vai ver por nós. Se não suportar o lugar, por ser inóspito ou por qualquer outra razão, mandar-lhe-emos o dinheiro da volta. Se considerar boas para erguemos nossas casas, escolha as terras e iremos ao seu encontro. É preferível que morramos miseráveis sob o olhar de amigos em nossa terra, que em qualquer outro lugar. Também nós que ficamos, gostaríamos de partir, mas nos falta a coragem. De toda maneira, estamos aqui, ou para esperar sua volta ou para ir até você ao nosso lugar.

Alcançaram-se um pouco de dinheiro, mas o que me comoveu foi a cena seguinte, na qual o filho do Hofmann começou a ceifar as espigas maduras de centeio e depois, com as palmas das mãos, foi colocando-as em um pano branco. Heinrich, o menor de todos, estendeu um pequeno recipiente de madeira contendo outras sementes e falou:

– Pegue estas sementes, Albin, e leve-as. quando mandar a notícia de que as flores já cresceram e que o centeio já balança na colina, poderemos ir.

– Acharei as melhores terras, prometi-lhes, e as reservarei aos meus amigos. Se delas não der para tirar boa semente, sei que pequena fortuna igual à da passagem me restará e retornarei para morrer como os Bergvagabunden, andando sem chegar a parte alguma.

Por um momento, fiquei feliz ao pensar que de toda forma não morreria em abandono e isto já era uma grande sorte para quem não tinha mais o que perder.

Finalmente, antes de partir, quero meditar sobre a minha família. Tenho a certeza de que a minha saída de Deuselbach seria bem mais fácil se não precisasse ver o sofrimento de minha mãe. Ela me olha como se quisesse gravar muito bem o meu rosto no seu espírito. Sei que a dor maior está em não saber se um dia poderei retornar. Ontem, ao passar por uma casa antiga que caía, vi cinco pardais sobre um poço abandonado: igual a minha casa...

Meu pai sempre foi um homem de coração reto. Mas nunca consegui chegar à profundidade do seu ser. Parecia que sempre estávamos um ao lado do outro. Agora vejo que quer dizer o quanto vai sentir a minha falta, mas o silêncio cai substituir o escondido sentimento. Minhas irmãs estão comigo nestes dias, como se quisessem oferecer a melhor lembrança. Tudo relevam. Em nenhum momento perdem a oportunidade de agradar. São agrados no meio da dor. As horas tristes não deixam de ter a sua suavidade. A fatalidade faz a gente deixar as intenções pessoais de lado a vela se apaga e amanhã inicia meu novo caminho.

UM ESTRANHO: A EXTRAORDINÁRIA VIAGEM DO IMIGRANTE ALBIN

Albin percebeu, no 10º dia de viagem, que os riscos da decisão tomada não eram fáceis. Mas como havia feito a sua escolha, agora tinha que persegui-la, se não para alegrar-se, ao menos para aliviar as penas pela opção feita.

Não se poderia chamar de navio a embarcação que o empurrava para o Sudoeste. Era um grande vapor, denominado Sumaca. “Meu Deus, como penam os pobres nas viagens”, pensava. “Um dia eu quero ter uma viagem confortável, em que poderei dizer à camareira: – Arrume água quente para um banho, que o meu corpo merece este cuidado. Direi ao garçom: – Traga o mel de abelha da melhor florada. Ou ainda: – Traga o vinho que faz sorrir um barão”.

Ponderava sobre as coisas, somente para diminuir o sofrimento que se havia imposto. O espaço que ocupava limitava-se a não mais de 60cm². Aquela embarcação mais parecia um navio de escravos brancos que uma população de homens livres. Confortavam-no apenas a esperança e a ideia de que era senhor de tudo o que acontecia. “Como se pode fazer uma nova pátria com gente tão empobrecida? Será suficiente a alma cheia de boa vontade para se alcançar um ideal? O que diria o Padre Hildebrand de tanta dificuldade?” A angústia era diminuída, ao imitar o vigário nas suas divagações: “Mesmo que o pão seja velho e péssima farinha e o corpo anseie por água limpa, vale a pena, se ao final de tudo, se pode ter um sonho. Quanto a ter uma Pátria digna em meio à pobreza,

esta é uma questão difícil de se resolver e é exigido um pouco mais. A primeira atitude na escala da montanha é tomar conhecimento da montanha e desejar atingir o seu cimo. A segunda atitude é preparar-se para a subida. A terceira é medir os passos nas circunstâncias, sem perder de vista o que se quer ter. a quarta atitude é manter-se forte e agir, porque a realidade se submete a uma boa ideia”.

– Ah, sim – dizia Pe. Hildebrand – Não perca a música na medida em que faz a subida. Nem tampouco suba sozinho uma montanha alta.

Impressionou-o a família cujo sobrenome queria dizer “barca” ou “aquele que navega”. Miguel tinha dois filhos menores e a esposa tinha o sobrenome Gölner. A senhora estava grávida, mas nada lhe diminuía a coragem que lhe saltava dos olhos. Esperança ou fé podia ser seu nome, porque não havia diferença entre a virtude e a mulher. Miguel tinha ao seu lado a irmã Ludwila, que era cega e falava-lhe sobre as impressões que a paisagem lhe despertava, dizendo com perfeição o nome de todas as coisas e narrando em detalhes todos os acontecimentos. Ninguém que estivesse ao redor deixava de aprender a representação que Miguel, em palavras claras, fazia do mundo. Os filhos viam tudo através das explicações do pai, com maior clareza de que aquilo que os olhos lhes mostravam. A imaginação dos meninos de 05 e 07 anos já estava quase do tamanho do mar. Era a esposa de Miguel que tinha que dar o sentido real das coisas e mostras os limites aos sonhos daquela gente que viajava com pouca segurança.

O Miguel II, como em Trier o chamavam para distingui-lo de seu pai Miguel I, penetrava em todas as coisas, sem o menor constrangimento, como se todo lugar por onde andasse fosse seu reino. Não seria porque se sentia um Imperador que o chamavam de Miguel II? O seu reino estava quase sempre iluminado. Desde que a irmã ainda menina, ficara cega, por motivo de grave infecção, era ele, como um imperador, que ia dizendo o nome de tudo que ela tocava. Assim desenvolvera a capacidade de entender as coisas e transmiti-las em palavras e os dois viam juntos o que poucos podiam ver.

Albin, ao sentir que era recíproca a simpatia que sentia pelos companheiros de viagem, pensou que com uma família tão corajosa poderia subir uma montanha sem se cansar. Completou seu raciocínio, pensando: “A pobreza não impede que ainda se possa ter iluminada a alma humana. Alguns possuem a graça, como uma luz que brilha, e não existe noite que possa apagá-la. “Não entendia por que aquela noite e na noite seguinte conseguira dormir tão tranquilamente.

Três noites após descobrir a família Miguel II, viu que a Senhora Schneider gemia a uns cinco passos do lugar em que estava encolhido. Levaram-na para um local onde pudesse, com mais distinção, dar à luz sua criança. No outro dia, Miguel chegou para o lado de Albin e falou:

– Nasceu meu filho. Vou dar-lhe o nome de Pedro, em consideração ao discípulo que gostava das águas.

Albin não esperou outra oportunidade. Tinha, como um presente, a sorte de poder firmar amizade com gente deste porte. Logo emendou:

- Desejo, Herr... como é mesmo...
- Miguel! – socorreu-lhe o senhor.
- Desejo-lhe a alegria e que o ar deste mar faça bem aos pulmões do menino. Meu nome, Herr Minguel, é Albin. Espero tê-lo como um companheiro mais velho.

* Sítio

** Não para meu garoto! Não para meu Albino! Ele é ainda tão jovem como uma criança!

* Assim não, mãe!

* Os andarilhos

** Para o Brasil! Soava a sorte

Para o paraíso no oeste

Onde animais preguiçosos

Engordam com laranjas douradas.

*** Guria

**** Querida

* Isto não é verdade!

Data : 25/11/2014

Título : Pequeno conto de amor antigo

Categoria: Contos

Descrição: O dia amanhecia no vale. Manhã ainda sem sol, enquanto a bruma enrustida deixava Marga mais devagar, embora mais cuidadosa.

O dia amanhecia no vale. Manhã ainda sem sol, enquanto a bruma enrustida deixava Marga mais devagar, embora mais cuidadosa.

Via seu marido como a um deus no Olimpo. Não havia outra razão pra viver. Era o provedor e a autoridade. Grande senhor de fortunas e entendimento. Caminhava causando impressão sobre a crença de sua mulher. O senhor era ele. Engenheiro respeitado das perfurações de petróleo de uma grande

companhia. Seu patrão, homem silencioso e ainda mais respeitado, servido por bons acordos com a companhia do Estado e mediado por um deputado de terceira eleição. Antônio punha 5% a mais para servir ao seu mediador, que se elegia por conta de adendos ao orçamento em favor de diversas comunidades e de seu bolso. Entre o benefício alheio e o próprio, julgava justo o auxílio em retribuição aos seus esforços. Antônio, que era considerado a autoridade em casa e por toda comunidade regional. Marga, a ingênua esposa, se sentia a suficiente pessoa por atender seu amado e respeitado homem. Dobrava-se alegremente às solicitações e se envergonhava quando não provesse qualquer desejo de seu ilustre companheiro. O seu sentido de liberdade condicionava-se à boa vontade e humor de Antônio. Não podia haver maior alegria que ouvir ser ela a dona Marga, mulher de Antônio. As flores, os feijões, as alcachofras, o açafreão, a manjerona, os manjericões, o tomilho, a sálvia e todas as formas de folhas e folhagens concediam alegrias maiores que os poetas poderiam obter. Jurava que as conversas com suas plantinhas eram excelentes: único diálogo de todos os dias. E você hortelã, tão bonita, quando vai crescer? Diga pra mim, antúrio, o que deu em ti de não sair do chão? Querida onze horas, por que morrer tão cedo? Jam desse jeito suas conversas. O que sabia era perguntar pras plantinhas, avaliando as dificuldades. Marga, na relação com o marido, não passava de: faça-se em mim a tua vontade. Tampouco se diferenciava de Santa Maria. Esta possuía pelo Espírito Santo e ela por seu Antônio. Sua fidelidade se fazia sem perguntas. Assustou-se muito quando a vizinha Zózima escureceu seu espírito.

- Marga, querida vizinha, sabe que vi teu marido com outra?
- Vai ver que era a sócia, amiga da casa, respondeu.
- E ele costuma beijar as amigas da casa?
- Que eu saiba a única amiga que ele beija sou eu! – respondeu nervosa, dona Marga.

Mal chegara a noite:

- Você está me traindo, Antônio?
- Que bobagem, mulher!
- A vizinha falô que você beijô uma mulher.
- Um beijo de despedida.
- Sempre pensei que quando mandava embora, não beijava.
- Não, Marga, me despedi da sócia, tua amiga.
- Da próxima veis, não beija, que a vizinha me falô que viu tudo.
- Ela é uma fofqueira, Marga.
- Marido, comigo não tem disso!
- Não tem o quê?
- Não tem traição. Sou velha, mas não aceito enfeites em minha cabeça.

Pra todos os efeitos e, principalmente, pra sua tranquilidade, Marga ficou de olho atento. Marido Antônio entendia fosse tudo apenas curiosidade ingênua da mulher, em adianta- da velhice. Pra cuidados seus, falou com um velho amigo.

Este o alertou: vai nessa, homem, sentimentos de mulher traída não têm idade. Antônio, entretanto, não prestou atenção e avançou o sinal. Começou a sair de mãozinha com a sócia.

O resultado não foi agradável. Marga viu o quanto não era bom ser substituída. Falou pra vizinha:

– Vou mostrar o quanto dói um amor antigo.

Certo dia, ao encontrar seu marido Antônio de braços com Nice, a sócia, ministrou a primeira lição. Foi até o apartamento da concorrente, mostrando o poder de seu braço.

Por uma semana, ninguém viu uma cabeça servir-se de tanto sódio.

Por duas semanas a sócia não compareceu ao trabalho. Ao voltar, Antônio viu o quanto sua esposa Marga era capaz de fazer. Os braços dos dois não se estenderam mais.

Passado um mês Marga perguntou:

– Como vai tua sócia?

– Que sócia?

– Não pensei que estivesse tão estragada, pra ti não reconhecê-la, a bandida.

– Desculpe, Marga, ela era apenas uma amiga.

– Por enquanto, a amiga sou eu!